

APRESENTAÇÃO

Ao observar o presente número dos Cadernos do CEOM, dedicado ao tema *Campo e Cidade*, que traz reflexões sobre realidades rurais e urbanas e suas mútuas relações, recordo-me de ponderações de Raymond Williams, ao iniciar seu livro *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*¹. No seu entender, "campo" e "cidade" são palavras muito poderosas e representam presenças significativas na vivência das comunidades humanas.

O testemunho de sua própria vida corrobora o que afirma. Nascido em uma aldeia no interior da Inglaterra, teve a oportunidade de viver concretamente dimensões da vida rural inglesa. Ao freqüentar, mais tarde, a Universidade, conheceu muitas cidades, de tamanhos e tipos diversos. Trabalhando como professor e como crítico literário, olhou para frente e para trás, buscando compreender e interpretar a vida e as mudanças no campo e na cidade, e em suas mútuas relações, numa perspectiva histórica, literária e intelectual. Quando escreve sobre essas relações, as vê não apenas como uma questão objetiva e matéria da história, mas também como experiências diretas e intensas de milhões de pessoas, impregnadas de múltiplos significados e de sentimentos muito fortes.

Este número compartilha essas perspectivas com Williams, ao reunir artigos que contribuem para o tratamento de problemáticas sociais do campo e da cidade como questões cotidianamente experimentadas por seus moradores e trabalhadores, nas quais atitudes, olhares, maneiras de pensar e de agir se cristalizam e generalizam, influenciando nos rumos da realidade vivida.

Essa temática assume significados específicos ao ser objeto de uma publicação do Centro de Memória da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Chapecó, região que se caracteriza tão fortemente pelas imbricadas relações entre o campo e a cidade.

Temos acompanhado o empenho de professores e pesquisadores dessa Universidade investindo na pesquisa e no debate sobre temáticas relativas à região, contribuindo para uma avaliação mais criteriosa de realidades vividas, tornando mais visíveis modos como se constituem e instituem projetos políticos e empresariais, como se engendram problemáticas de setores da população, de comunidades e grupos, com suas tradições culturais e imaginários sociais, transformando contornos e paisagens do lugar.

É de se louvar, também, o empenho em abrigar e dar tratamento adequado aos conjuntos documentais que essas mesmas pesquisas vêm reunindo. A instituição do próprio Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina é expressão disso. Desde sua constituição, esse órgão vem implementando sua estrutura e funções, organizando seu próprio espaço e rotinas diárias, investindo em equipamentos e no aperfeiçoamento de sua equipe técnica. Como tal, vem se tornando um centro de referência para pesquisas relativas à região, recebendo, inclusive, doações de acervos de significativa importância para a história local e regional.

Alimentando essa tradição e sempre renovando seus significados, os artigos reunidos neste número focalizam realidades rurais e urbanas específicas, ou de regiões mais amplas, revendo, em maiores ou menores proporções, uma literatura clássica e desenvolvendo uma reflexão articulada entre peculiaridades locais e processos sociais mais amplos. Estimulam um repensar de abordagens e procedimentos metodológicos e convidam a um diálogo interdisciplinar e entre pesquisadores trabalhando em diferentes localidades do país. Caminham no sentido de refletir sobre formas de construção e reconstrução de espaços e experiências sociais, num feixe complexo de relações entre projetos, políticas e práticas cotidianas variadas, ao mesmo tempo em que possibilitam pensar como as próprias características desses espaços incidem sobre essas relações.

Nessa direção, um dos artigos trata a problemática rural, observando-a pelo viés de processos modernizadores da agricultura. Destaca o papel de um periódico local, *Celeiro Catarinense*, nesse processo, e centra o olhar sobre a juventude rural.

Um outro artigo analisa a realidade de trabalhadores rurais focando a organização de movimentos, cogitando sobre possíveis correlações entre dimensões da cultura dessas populações e a formação do Movimento dos Sem-Terra, do Movimento de Mulheres Agricultoras, do Movimento dos Atingidos por Barragens e do Movimento das Oposições Sindicais na região.

Enquanto alguns textos lançam seus olhares sobre trabalhadores que vão abandonando o campo e dirigindo-se às cidades, outros concentram atenções naqueles que insistem em permanecer trabalhadores rurais. Um deles volta-se para a vida de agricultores que trabalham em sistema de parceria, tornando mais visível a experiência de famílias

rurais que se recusam a abandonar o trabalho da terra, em torno do qual gira um modo de vida que querem preservar. Outro discute como a instalação do Frigorífico de Aves Cooperativa Aurora estimula a migração de trabalhadores rurais para a cidade e como esse fenômeno incide na construção e distribuição de espaços urbanos em Chapecó, num processo que gera exclusões, desemprego e condições precárias de moradia.

Numa perspectiva mais econômica, um dos autores analisa as agroindústrias como principal agente de desenvolvimento de Chapecó, dando um destaque para o papel do Estado nesse processo, em meio à identificação da atuação de diferentes agentes na urbanização.

Dois artigos colocam em foco dimensões da cultura e do imaginário social urbanos, observando práticas religiosas e musicalidades na cidade. O primeiro centra-se em modos como a difusão da Igreja Evangélica Assembléia de Deus ocupa, marca e refaz espaços e sentidos de lugares em Chapecó. O segundo aborda o movimento *Rap* vivido em Florianópolis como uma musicalidade carregada de propostas de mudança social, que também se expressa em formas de vestir, no gestual e na performance.

Todas essas reflexões são acompanhadas de algumas contribuições de outras regiões do Brasil, enriquecendo, com experiências diversas, as questões tratadas. Um dos textos lança um olhar sobre Jacobina, refletindo sobre como um ideal de urbanidade, identificado como sinônimo de "civilização" e "modernidade", perpassa cidades do sertão baiano. O estudo, procurando avaliar modos como propostas de reforma de costumes contrapõem-se a um passado marcado por uma tradição de vida rural, observa, particularmente, as festas da cidade na primeira metade do século XX.

Um outro artigo aborda as influências e ressonâncias da Segunda Guerra Mundial em Fortaleza, destacando seus aspectos culturais e a dimensão do cotidiano. Discute como o impacto do conflito, o clima de guerra e a ameaça de bombardeio sobre a cidade trouxeram consigo novos comportamentos, hábitos de consumo, bem como fizeram recrudescer tendências culturais presentes em fins dos anos 30 – a americanização, a influência do cinema de Hollywood, a defesa da moralidade tradicional, a valorização do ideário moderno pela elite local.

Um estudo referido a cidades em Santa Catarina reflete sobre o urbano numa perspectiva institucional. Comenta como práticas levadas a efeito nas Instituições Disciplinadas de Assistência no Governo Nereu Ramos, exemplificadas em hospitais, prisões e casas para menores, tiveram seus efeitos para além de seus muros isoladores, atingindo o movimento da cidade e configurando seus espaços numa nova dinâmica.

Os estudos variam entre si: alguns são mais descritivos, outros tendem a desenvolver maiores análises. Alguns privilegiam o uso de fontes textuais, outros as entrevistas orais. Todos eles contribuem para o debate, caminhando por abordagens e direções diversas.

Yara Aun Khoury
PUC-SP

1 WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.